

**ESPECTROS DO CAOS: IRRACIONALISMO, IDEOLOGIA E PANDEMIA<sup>1</sup>**

[SPECTERS OF CHAOS: IRRATIONALISM, IDEOLOGY AND PANDEMIC]

Claudinei Aparecido de Freitas da Silva

[cafsilva@uol.com.br](mailto:cafsilva@uol.com.br)<https://orcid.org/0000-0002-9321-5945>

*Na área de Filosofia, realizou estágio pós-doutoral na Université Paris I/Panthéon-SORBONNE (2011-2012), doutorado na UFSCar (2007), mestrado na UNICAMP (2000), graduação na UNIOESTE (1994) e no IFA (1990). Além de organizar dossiês temáticos (em periódicos) e 8 livros, é autor de 2 livros, vários capítulos de livros, artigos, resenhas, traduções, entre outros trabalhos. Dentre as obras traduzidas, destacam-se, em especial, os Fragmentos Filosóficos (1909-1914) (Edunioeste, 2018) e Os Homens Contra o Humano (Edunioeste, 2023) de Gabriel Marcel e A Crise da Psicologia Contemporânea (Edunioeste, 2024) de Georges Politzer. É Editor-Fundador da Revista DLAPHONÍA/UNIOESTE, Editor Associado da Revista PHENOMENOLOGY, HUMANITIES AND SCIENCES e integrante do conselho científico de editoras e periódicos nacionais e internacionais. É membro da Association International Présence de Gabriel Marcel de Paris, do CEMODECON/IFCH/UNICAMP, membro fundador do GT Fenomenologia, Saúde e Processos Psicológicos (ANPEPP) e do GT Fenomenologia (ANPOF). É, desde 2018, o Coordenador Geral do GT Fenomenologia (ANPOF). Também é o Líder do Grupo de Pesquisa QULASMA certificado pelo CNPq, via UNIOESTE. Atualmente é Professor na Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE, Brasil.*

DOI: [10.25244/tf.v15i1.4831](https://doi.org/10.25244/tf.v15i1.4831)

Recebido em: 11 de julho de 2022. Aprovado em: 21 de julho de 2022

---

<sup>1</sup> O texto corresponde, originalmente, à palestra inaugural promovida pelo Projeto de extensão “A filosofia refletindo sobre a pandemia” organizada, em formato remoto, pelo Curso de Graduação em Filosofia da UNIOESTE em 02 de julho de 2020. E, em nova versão, como Aula Magna de abertura do primeiro semestre letivo de 2022 junto ao Departamento de Filosofia da UERN - Campus Avançado de Caicó, sob a coordenação do Prof. Dr. Marcos Érico de Araújo Silva.

Caicó, ano 15, n. 1, 2022, p. 13-28

ISSN 1984-5561 - DOI: [10.25244/tf.v15i1.4831](https://doi.org/10.25244/tf.v15i1.4831)

Dossiê Aristóteles dito de muitos modos – Fluxo Contínuo



**RESUMO**

A exposição se debruça sobre uma questão cotidianamente recorrente em nossa cultura: a ideologia. Para tanto, faremos um recorte, à luz desse tema, da problemática convencionalmente denominada de irracionalismo tendo como um de seus vetores a crise sanitária provocada pela covid-19. Procuraremos mostrar, flagrantemente no tocante ao caso brasileiro, que o negacionismo da ciência, que encontrara alibi no charlatanismo medicinal, é só mais um espectro do irracionalismo. Tudo se passa como se o irracionalismo nada mais se impusesse como uma agenda programática ou, se quiser, como expressão máxima de certo discurso ideológico “de plantão” que, ao contrário do que se crê, não é tão irracional assim, mas que segue uma lógica insidiosamente difusa, muito bem orquestrada do ponto de vista ético-político, por mais que tal lógica se preste a um culto do caos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Filosofia. Ciência. Ideologia. Irracionalismo. Pandemia.

**ABSTRACT**

The exposure leans over on a daily recurring issue in our culture: ideology. For that, we will do an outline, in the light of this theme, the problem conventionally called irrationalism, having as one of its vectors the health crisis caused by covid-19. We will try to show, flagrantly with regard to the Brazilian case, that the denial of science, which found an alibi in medicinal quackery, is just another specter of irrationalism. Everything happens as if irrationalism was no longer imposed as a programmatic agenda or, if you like, as the maximum expression of a certain ideological discourse “on call” which, contrary to what is believed, is not so irrational, but follows a an insidiously diffuse logic, very well-orchestrated from an ethical-political point of view, however much such logic lends itself to a cult of chaos.

**KEYWORDS:** Philosophy. Science. Ideology. Irrationalism. Pandemic.

A Victor Francisco Krummenauer da Silva, sobrinho dileto,  
*in memoriam*

## 1

Como ponto de partida – antes mesmo de entrarmos mais diretamente no tema que aqui nos acerca, cuja complexidade, é claro, extrapola os limites aqui da exposição em curso qual seja, a problemática do irracionalismo como ideologia – convém sumariamente retomar uma importante distinção conceitual. Trata-se de uma distinção nem sempre devidamente percebida ou suficientemente estabelecida entre filosofia, ciência e ideologia. Por que seria um bom procedimento partirmos assim?

Talvez a motivação principal esteja no fato de que o irracionalismo se configura, há tempos, como uma expressão emblemática de ideologia! Trata-se, evidentemente, de uma ideologia versátil, isto é, que toma diferentes formas, adota diversos estilos, arrebatou paixões, arrasta multidões, acomoda massas, encarna-se em múltiplas plataformas políticas, religiosas, econômicas, culturais, etc.

Assim, não há, em rigor, como a filosofia ou a própria ciência intervir reflexivo e pragmaticamente num processo, como o fenômeno da pandemia, desconsiderando o manto ideológico que, por vezes, recobre, sob inúmeras facetas, acontecimentos ou eventos dessa natureza mundo afora. É aí que podemos situar e, ao mesmo tempo, melhor articular intrinsecamente o surto pandêmico que hoje se assiste tendo como pano de fundo o irracionalismo em seus múltiplos espectros, espectros do caos.

## 2

Para tanto, a fim de dar maior corpo a esse argumento acima sustentado, julgamos ser instrutivo retomar a clássica distinção entre filosofia, ciência e ideologia. Parece-nos, de fato, providencial essa digressão à medida que, por incrível que pareça, não é raro, mormente, nos meios acadêmicos, confundir tais noções como se fossem sinônimas. É bem verdade que uma ciência ou mesmo uma filosofia podem se tornar ideológicas. Isso seja porque o discurso ideológico pode construir narrativas fundadas em princípios ou postulados de cariz científico-filosóficos, ou porque simplesmente cientistas ou filósofos também podem deixar se suggestionar ideologicamente.

Façamos então um movimento conceitualmente inverso e comecemos pela ideologia. Aqui e acolá, a questão é que se tornou um lugar comum ou uma interpretação corrente de que a ideologia é uma forma de discurso cujo conteúdo se encontra sempre oculto, figurando como algo situado atrás, bem atrás, em algum lugar recôndito. A tarefa do pensamento consiste, pois, quase que por um

procedimento “psicanalítico”, tão somente interpretar, decodificar, desde um fundo de porão inconsciente, o sentido do que está encoberto. É preciso, sob o conteúdo latente, dar voz ao conteúdo manifesto. A razão tem como missão descortiná-lo, até porque parece haver uma “cortina de fumaça” a encobrir o real conteúdo ideológico. Cabe, enfim, (de)esfumaçá-lo! A ideologia passa então a funcionar como uma espécie de “maquinação diabólica”, algo como uma “emboscada” que cerca e fere a razão. Paira sempre no ar algo de conspiratório: a ideologia é uma “teoria da conspiração”. Essa leitura faz com que ela seja vista, ou melhor, assentada, como um conjunto de ideias situado longe de nossos olhos, fora completamente de nosso alcance imediato, atrás de nossa consciência ou tomada de consciência.

Pois bem: é essa imagem, oriunda do senso comum, que convém se desfazer acerca da ideologia. Quer dizer, a ideologia não é o que está por trás seja de uma cartilha, de um texto, de uma película, de uma bula de remédio como a cloroquina, de um decreto, de uma lei, de um anúncio publicitário e, assim por diante. Ideologia é, ao contrário, justo o que vem pela frente; é o que se projeta primeiro, já ao amanhecer do dia. Ela é o que aparece logo de cara, ou, em linguagem fenomenológica, é aquilo tal qual aparece: é o que se escancara, estampa diante dos olhos. Só não vê quem não quer! Daí se explica a similaridade entre a ideologia e a propaganda; é aquilo que toma a dianteira; que possui uma performance, recorrendo a símbolos, *outdoors*, faixas, frases, slogans, bordões, provérbios, ditos populares ou, simplesmente, máximas folclóricas. A ideologia se pretende um discurso universal tornando-se, por fim, cada vez mais abstrato e, em função disso, doutrinariamente endossado, acatado.

Outra característica ideológica é a generalização do particular. O amor pátrio que se buscou inculcar, com forte apelo popular, durante a ditadura brasileira ilustra bem isso. Em relação à Pátria, “ame-a ou deixe-a” diziam os seus porta-vozes como uma legenda, como um mantra. Essa palavra de ordem intencionou encarnar certo sentimento patriótico a ponto de idealizá-lo como se vivêssemos fraternalmente e, mais que isso, como que se usufruíssemos, em condições iguais, do mesmo espaço ou território, seja pela especulação imobiliária, seja pela expropriação fundiária. O mesmo vale para um inflamado slogan de campanha recentemente corrente, “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”. Tal expressão se torna também uma insígnia ideológica à medida que visa legitimar, junto ao imaginário social, certa imagem ou representação universalista do real. Ao generalizar se tenta ocultar o elemento da contradição, da diferença que se particulariza no seio de uma sociedade que, no frígido dos ovos, se mostra tão dispar, heterogênea e, portanto, disforme. Ao invés de ser um domínio consensual, convergente, o real é, no fundo, contraditório, conflitivo, divergente. Se anula o elemento de dissenso vendendo a ideia de um corpo social coeso, pacífico, homogêneo. Se fixa então, nesse imaginário, a ideia pétrea de uma Pátria bem ordenada e progressista. O dístico “ordem” e “progresso” que estampa a bandeira nacional talvez seja o que mais expresse, em termos positivistas, certo andor ideológico tão idolatrado pela cultura de massa.

A inversão da realidade se apresenta como outra faceta ideológica. Por meio desse artifício, o discurso ideológico omite a forma com a qual o trabalhador se associa a fim de assegurar a sua subsistência. O trabalhador é separado do produto de seu trabalho uma vez que ele não é reconhecido como produtor estabelecendo-se, ao fim e ao cabo, uma relação de “estranhamento” em face da obra, do produto. É o fenômeno da alienação, tão bem identificado por Marx. Alienar-se é tornar-se estranho, ser privado de... Há aí um processo de reificação em que se paga um salário pela mão-de-obra: o trabalhador se reduz a um objeto de peça na cadeia produtiva. O operário se torna escravo daquilo que ele próprio cria, pensa ou imagina, invertendo, enfim, os papéis em jogo.

Outro perfil é a naturalização. Por esse meio, o discurso objetiva precisamente naturalizar as ações humanas, ou seja, se parte do raciocínio de que a sobreposição de classe social entre rico e pobre é um processo natural, estabelecido pelas leis da natureza. Da mesma forma, se naturaliza não só situações como a miséria, mas até certos fenômenos ditos naturais como enchentes, poluição e doenças. A pandemia, a título ilustrativo, é vista como um problema exclusivamente biológico, natural. Nesse processo está pressuposto um abismo intransponível entre natureza e cultura. Tudo se passa como se tais problemas não fossem histórico-culturais desresponsabilizando, pois, o agir humano, dessa imagem de mundo. Sob esse viés, o discurso ideológico camufla os conchavos políticos induzindo, ao erro ou à ilusão, de que as condições sociais ou culturais não interferem diretamente em tais demandas oriundas da crença do progresso.

Em suma, a ideologia se reveste de uma característica proverbial, sentencial: inúmeras vezes replicada, há uma adoção acriticamente pública. Ela se internaliza no imaginário vindo a assumir uma função dogmática, ou performática de convencimento. Se torna inconteste. Como sentenciava Joseph Goebbels, ministro da propaganda nazista: “uma mentira contada mil vezes se torna uma verdade”. A insurgência de tal dito, em tempos de redes sociais, parece ter se tornado realmente um mantra, sobretudo, com a difusão das *fake news*.<sup>2</sup> É o advento da pós-verdade, em que a mentira eletrônica se torna até um gesto cívico. Ser “patriota” ou “cidadão de bem” talvez seja a caricatura, nos tempos atuais, do portador de uma “verdade” que, por ser tão propalada, centenas de vezes, ganha ares da mais pura verdade.

Pois bem, é melhor situando essas características da ideologia que poderemos, a contento, diferenciá-la, sobretudo, da filosofia e da ciência. Uma boa metáfora pode nos instruir nesse agenciamento hermenêutico: a da coruja de Minerva<sup>3</sup> retratada por Hegel (2010, p. 44): “Sobre ensinar como o mundo deve ser, para falar ainda uma palavra, de toda maneira a filosofia chega sempre tarde demais [...] a coruja de Minerva somente começa seu voo com a irrupção do crepúsculo”. Ora, essa passagem extraída na parte final do Prefácio de *A Filosofia do Direito* tornou-se icônica no intuito de melhor exprimir a verdadeira imagem da filosofia. Senão, vejamos.

O papel da filosofia reside precisamente em elucidar o que não é claro ao senso comum, quer dizer, em alertar acerca da vida. O crepúsculo é o limiar do dia para a coruja. Sob esse prisma, enquanto cessamos nossas obras e nos recolhemos em nossos lares, a coruja “alça seu voo” a trabalho. É a noite que a fascina; daí resulta, em termos etimológicos, o caráter essencial em que ela, também na tradição latina, se definia como *noctua*, isto é, “ave da noite”. Não é a beleza, a performance estética, o que mais a destaca, mas a capacidade de ver o que as aves diurnas não conseguem ver: o seu pescoço gira 360°, dando-lhe uma visão completa capacitando-a a ver a totalidade das coisas. O fato de a ave girá-lo apenas atesta sobre o quanto a sua visão não é unidirecional, mas multidirecional, ou seja, perspectivista. Eis por que ela ainda possui outro atributo: é uma ave de rapina. Com o seu voo noturno silencioso, é rápida na escolha, e pelo fato de ver a

---

<sup>2</sup> Ver o propeidêutico, mas instrutivo livro de Garcia (2005).

<sup>3</sup> Por que a coruja é o símbolo da sabedoria e está sempre atrelada à filosofia? Se remormos um pouco a cultura grega, e sua narrativa mítica, vemos a imagem da coruja sempre acompanhada da deusa Athena. Athena (Ἀθηνᾶ) ou Palas Athená é a deusa da sabedoria e da justiça, filha do poderoso Zeus e Métis, deusa da prudência e a primeira esposa de Zeus. Ocorre que as aves são os seres mais próximos dos céus, logo, mais próximos dos deuses. É comum ver a soberana águia acompanhando o portentoso Zeus, o mais poderoso dos deuses gregos. Em grego coruja é *gláukis* “brilhante, cintilante”. Um dos epítetos da deusa Athena é “a de olhos glaucos”, ou seja, olhos que enxergam além daquilo de que todos veem. A coruja acena uma alerta constante; simboliza a vigilância, estando sempre apta para sobreviver na noite e atenta aos perigos da escuridão. Nas moedas mais antigas da Grécia é comum encontrarmos a sua figura com o intuito talvez de mostrar uma formação cultural mais avançada.

presa e não ser vista, sempre tem sucesso na caça, apanhando os despreparados e desprovidos que se arriscam na noite escura, levando-os para o seu ninho.

Ora, são tais características que um filósofo deve possuir: ver para além do que comumente não se vê, ou seja, ter uma visão do todo, uma visão que abarque todos os ângulos possíveis do real. O filósofo é aquele que deve ser capaz de articular os pensamentos contra seus adversários, isto é, raptar as bases dos argumentos dos oponentes. Ele igualmente deve captar aquilo que muitos não apreendem ao se enveredar por caminhos, por vezes, erráticos, ingênuos, tortuosos. Com isso, por enxergar na noite quando outros não veem, o filósofo é aquele que pode auxiliá-los e conduzi-los (pelo argumento) a desfechos mais coerentes, sensatos. É exatamente em função disso que a coruja se tornou o símbolo da reflexão e do conhecimento; numa palavra, o símbolo da filosofia. É aí que entra em cena a figura de Sócrates; essa “coruja de Atenas” que Aristóteles, inclusive, o homenageou como patrono da filosofia. Sócrates era, de fato, uma figura “corujesca”: feia como uma coruja à luz do dia, mas sagaz em meio ao obscurantismo.

Assim, se a ideologia vem pela frente, é a filosofia que vem por trás. Por que? Como a coruja de Minerva, a filosofia é aquilo que dá e pede razões; é ela que confere os fundamentos das premissas, das teses, das normas, dos valores, dos ideais que se projetam precisamente à frente. Como é que a filosofia trabalha? Ela opera, *a posteriori*, no final da tarde. Ao entardecer, a razão levanta voo, olha para tudo o que aconteceu ao longo do dia, e avalia o sentido, interroga, faz um balanço de conjunto, faz análise de conjuntura, e, então, sobrepesa tudo e aprecia. Ela pondera toda a loucura dos homens transcorrida desde o amanhecer, apreende criticamente isso a fim de melhor compreender tal movimento. Primeiro vem o acontecimento; depois a filosofia no sentido de captar o sentido de tudo o que ocorreu e, portanto, avaliar o significado ou a insanidade disso. Como a coruja, a filosofia realiza o seu voo rasante a fim de raptar a sua presa já ao anoitecer. Nisso ela difere da ideologia que, como sugere Ghiraldelli (2011), se assemelha ao pardal. O pardal levanta cedo, bem cedo e já sai comendo tudo o que, à primeira vista, encontra pelo caminho, pela rua, na praça, na feira, ou seja, esterco, fezes. Tudo se passa como se perguntássemos ao pardal sobre o que ele efetivamente comera, ao que responde que estava comendo pão, farelos, sobras da barraquinha ou de algum banquete, no meio da praça, no mercado. Ele ainda piamente acredita que, ao dividir os restos de comilança com os pombos, está provando do melhor alimento possível, uma vez que aparece fresco, saboroso, colorido, apetitoso. O pardal é movido pelo que aparece de uma forma tão atraente, convincente, perspicaz, sedutora. É disso que ele se alimenta. É daí que ele retira, logo ao amanhecer, toda a sua energia e euforia para continuar não só convencido e voltar satisfeito para o ninho, mas convencer os demais pássaros.

### 3

A distinção sumária, antes estabelecida entre ideologia e filosofia se amplifica, exigindo, pois, com que nos atenhamos também a outro importante conceito: o da ciência. A ciência se define como uma forma de saber diligente, na acepção mais pragmática do termo. Ela, sem dúvida, é bem próxima da filosofia; aliás, nasceu com ela; é um rebento dela. Se há alguma diferença mais notável entre ambas, tal distinção diz respeito a certa gradação ou graus de explicitação que requer, não raras

vezes, uma atitude metódica, assertiva, prática, e, no caso, das ciências médicas, um viés procedimental, isto é, profilático ou posológico. Fica claro, pois, que a ciência se caracteriza por um perfil resolutamente técnico, operacional. Ela é um saber também reflexivo, mas que, leve e distintamente da filosofia, se pretende objetiva, preventiva, previsível. Quem a pratica, em seu agir técnico, persegue um ideal de cientificidade: a objetividade; a precisão mais cirúrgica possível, no afã de mensurar o real num nível de especialidade requerido no sentido reportado, por exemplo, por Gabriel Marcel (Cf. Silva, 2018a).

Em tempos como o de uma crise sanitária, pandemicamente instalada, por exemplo, se torna a ocasião oportuna em que melhor podemos situar o sentido e alcance do discurso científico. Jamais, em tempos como esse, a ciência é tão requisitada; o epidemiologista tão inquirido por sua tarefa não só puramente infectológica, mas política também. O cientista se dirige de dentro da polis para a polis. Ele se investe de uma missão ético-política, mais do que nunca. O que está em jogo são vidas nuas e cruas (Silva, 2021). A ciência, portanto, necessita ser ágil, pois há uma corrida contra o relógio. Daí advém o caráter imediatista que essa forma de saber requer. Desconsiderar isso é vacilar; é negar, escancaradamente, a importância desse conhecimento como uma ferramenta indispensável, como uma bússola, a única possibilidade real e objetiva de saneamento, de uma restauração cidadã mais consciente não só quanto aos seus direitos, mas, sobretudo, deveres.

É nesse contexto que a ciência exerce ou cumpre um papel decisivo. Sem ela, também nos desorientamos. Ela aspira uma política sanitária que é a sua razão de ser. Todos os seus agentes diretos ou imediatos (pesquisadores, médicos, enfermeiros, etc.) só poderão exercer, com a eficiência prática e resolutiva que se espera, se houver política pública clara, de fato, coletivamente comprometida. Não há ou não cabe aí lugar para subjetivismos rasteiros, pregações sectárias, discursos deslocados, sensacionalismo barato; numa palavra, toda sorte de negacionismo ideológico. Se, ao contrário, isso acontece, todo um trabalho paciente, meticulosa e rigorosamente cuidado, arduamente conquistado, por mãos devotamente consagradas ao juramento de Hipócrates, perde a sua substância. A ciência foi, é e sempre será um discurso e uma prática sensível, atenta aos clamores sociais; nesse sentido, em essência, ela é originariamente política. Ora, essa política originária, de base, não pode, jamais, ceder a caprichos retóricos, se prestar a quaisquer charlatanices partidário-ideológicas que sejam sob pena de se instalar o caos. Aqueles, que, arbitrariamente assim se partidariarem, permanecerão, à sombra da história, como “engenheiros do caos”, para usarmos aqui a cara terminologia de Empoli (2019).

#### 4

Bem, uma vez apresentada, de maneira sumária, essa narrativa alegórica claramente distintiva já nos encontramos num terreno melhor preparado para situar o irracionalismo e seu espectro flagrantemente ideológico em nossa cultura. Partamos, então, de uma tese central que se almeja aqui sustentar, ou seja, de problematizar o irracionalismo ou obscurantismo como expressão ideológica. Trata-se de um ideário que assume formas diversas, faces múltiplas da qual o fanatismo, o totalitarismo, o sectarismo, o personalismo, o populismo, o negacionismo, o charlatanismo, o racismo, o machismo nada mais são do que variantes; feições derivadas. Para tanto, chamamos a

atenção para um aspecto paradoxal do irracionalismo, ou se quiser, uma contradição, em termos, mas constitutiva quanto à sua definição última. Quando tratamos ou falamos de irracionalismo não estamos presumindo o princípio de que ele se configure como algo inteiramente irracional, descabido, tresloucado. Pelo contrário, por mais contraditório ou paradoxal que seja, o irracionalismo, justamente por ser uma ideologia, é um corpo de ideias, isto é, um conjunto de premissas lógicas, coerentes. O seu discurso é preparado de tal modo que pareça lógico, organizado, concatenado. Disso emana justo a dificuldade de desconstruí-lo. Ele tem uma “razão de ser”, uma forma insidiosa de narrativa que pretende ser convincente. O curioso nisso tudo é que tal discurso opera mais por “convicções” do que por “comprovações”, para empregar aqui um termo popperiano. A ideologia, de fato, agita, eletriza massas; é a expressão, em sentido nietzschiano, de uma moral, “moral de rebanho”. Trata-se, enfim, de uma forma subliminar de discurso, um discurso muito bem construído, elaborado, sistematizado.

Onde então reside o principal problema? Qual é o nó da questão? O problema aparece quando diagnosticamos o irracionalismo classificando-o apenas como uma espécie de delírio, como um desvario, uma patologia pura e simples, ou se quiser, uma psicopatia. É claro que pode haver traços dessa natureza num comportamento ideológico e há! O que, no entanto, não se pode perder de vista – e isso é um trabalho que só um espírito filosófico em consórcio com o espírito científico, um espírito de ave de rapina é capaz de realizar – é certa dose de racionalismo que está presente no próprio irracionalismo. O problema é que quando, pura e simplesmente, reduzimos o irracionalismo a uma patologia escapa de nosso horizonte algo essencial: algo que o radica como um complexo bem formado, como uma visão de mundo que transmite valores, normas, códigos, condutas conferindo sentido à vida social. Tudo se passa como se, desse modo, absolvêssemos tal discurso exatamente porque ele transparece como algo insano, bizarro, histriônico. Retiramos dele toda e qualquer cumplicidade porque ele se torna fisiológico; se naturaliza dado, inclusive, o seu grau de vitimismo. O irracionalismo só tende a ver o mundo e a história como obra da natureza. Ora, se ele se naturaliza, se ele parece se conformar às leis da natureza, então esse mesmo discurso se apresenta como mais convincente ainda, mais coerente, fidedigno à natureza criada ou não por Deus! O naturalismo como concepção de mundo se auto justifica, se autoredime; nada mais poderá ser-lhe cobrado ou imputado. Ele terceiriza a responsabilidade que lhe recai jogando-a sob os ombros da natureza ou de outros. O irracionalismo, por fim, se aparelha; opera quase que roboticamente, automatizando os seus agentes em um sistema mecânico. Tudo já está dado, escrito nas estrelas, referendado pelas Sagradas Escrituras ou por alguma prédica de cariz político-religioso.

Fato é, como bem retrata Chauí (1987, p. 113), que “a ideologia é um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (ideias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar”. Pois bem, essa configuração revela, em primeiro plano, sobre o quanto a ideologia não é um corpo teórico ingênuo, desmascarado, inconsequente. Não, ela é consequente! E muito! Ela pode ser um discurso fabuloso, envolvente, sedutor, convincente, arbitrário, truculento, autoritário, mas incoerente, não. Por mais paradoxal que seja, o discurso ideológico que dá vazão a comportamentos à primeira vista irracionais, ilógicos se apresenta, por princípio, inteiramente racional, lógico, intencional. Ele não é ilógico, mas sistemático, articulado, digitalmente computado, quantificado. Da mesma forma, a atitude frente à ideologia também se mostra ambígua precisamente por vivermos mergulhados nela sem, muitas vezes, nos darmos conta. Quer dizer, “ora acatamos, ora resistimos a aceitar a ideologia. A partir dela pensamos, embora nem sempre pensamos sobre ela” (Araújo, 1995, p. 112).

Isso traz à tona outra face nem sempre entrevista da ideologia. O de ser um discurso lacunar. Ora,

[...] o discurso ideológico é coerente e racional porque entre suas “partes” ou entre suas “frases” há “brancos” ou “vazios” responsáveis pela coerência. Assim, ela é coerente não apesar das lacunas, mas *por causa ou graças* às lacunas [...]. Ela é coerente porque *não diz tudo e não pode dizer tudo*. Se dissesse tudo, se quebraria por dentro (Chauí, 1987, p. 115).

A esse modo, se o discurso ideológico revelasse o real conteúdo, ele se desmontaria como discurso, como mensagem subliminar. O que torna a narrativa ideológica um fenômeno altamente complexo é que ele se caracteriza como um paradoxo: à medida que ela é lacunar, edita uma meia-verdade, à medida que parece irracional, se mostra, ao mesmo tempo, lógica, coerente, racional. Em seu núcleo ou estrutura mais íntima, tal fenômeno contém uma verdade, que, a bem da verdade, é uma meia-verdade.

É sob esse pano de fundo que a icônica frase de Marx (2010, p. 145)<sup>4</sup> de que “a religião é o ópio do povo”, se torna exemplar. Como bem volta a notar Chauí (1987, p. 108),

[...] a religião, como toda ideologia, é uma *atividade* da consciência social. A religiosidade consiste em substituir o mundo real (o mundo *sem* espírito) por um mundo imaginário (o mundo *com* espírito). Essa substituição do real pelo imaginário é a grande tarefa da ideologia e por isso ela anestesia como o ópio.

Dado esse passo, muitas vezes, em nome da “vontade de Deus”, de um “dever moral” ou da “ordem natural das coisas” se busca, a todo custo, anestesiá-la a consciência, amortecendo o senso crítico. A fim de melhor compreender, valemo-nos de dois registros em que a ideologia esteve manifestamente presente em situações pandêmicas ou epidêmicas.

## 5

---

<sup>4</sup> “A miséria *religiosa* constitui ao mesmo tempo a expressão da *miséria* real e o *protesto* contra a miséria real. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração, assim como o espírito de estados de coisas embrutecidos. Ela é o *ópio* do povo” (Marx, 2010, p. 145).

O primeiro registro remonta à Idade Média, mais precisamente entre 1347 e 1353. É o período da eclosão de uma vasta doença que assola a Europa e se dissemina para a Ásia e o Oriente. A foice da morte ceifou um terço da população europeia em menos de seis anos. O continente foi assolado pela peste negra, causada por uma bactéria transmitida pelas picadas das pulgas de ratos. Fato é que, para o senso comum da época, a pandemia passou a ser vista como castigo divino: Deus teria lançado sua ira contra a humanidade. Um dos fatores, aliás, que conduziu o agravamento pandêmico foi a crença infundada, pasme! de que os gatos, sobretudo, os gatos pretos, eram a encarnação do demônio. Muitos deles eram ainda aliciados em rituais “satânicos” o que, junto ao imaginário popular movido por toda sorte de superstição, os felinos começaram a ser hostilizados e exterminados. Vejamos, agora, dois quadros que ilustram essa paradigmática cosmovisão:



Na primeira tela, em seu espectro medieval, observamos um gato buscando, em vão, se proteger ao subir na árvore. Sob a mira implacável de flechas disparadas por camponeses, cortejados por uma matilha de cães vorazes, o mísero felino é, então, ferido, sangrando irremediavelmente. Assim, com a dizimação dos gatos, sem mais os seus predadores naturais, proliferam-se os ratos e as doenças.

O que também não deixa de ser intrigante, alguns séculos depois, em plena ideologia nazista, é o uso e abuso de animais a ponto de transformar os campos de extermínios em verdadeiros “coliseus” a céu aberto para o deleite eugênico. A notar, por inúmeros relatos e fontes documentais mais recentes, animais de várias espécies compunham um cenário perfeito para diversão circense dos soldados e funcionários que se incumbiam da guarda nesses espaços. A poucos passos do crematório do campo de concentração, era comum macacos fazerem cambalhotas em gaiolas, pássaros gorjear

em aviários, além da presença de ursos-pardos. Por meio de financiamentos escusos e até de “doações” extorquidas de prisioneiros, em Buchenwald, por exemplo, os guardiães da SS tinham permissão para fazer uma pausa nesses zoológicos, atirando, por vezes, na jaula de ursos, detentos para serem devorados. Há uma divisão de classes bem definida: de uma parte, uma categoria de pessoas e animais mais elevados; de outra, prisioneiros reduzidos como “sub-humanos”. Os que fazem o trabalho “sujo” não hesitam em cumprir a liturgia do cargo como predadores, ou seja, “como lobos num rebanho de ovelhas”. Conforme retrata Susanne Spröer (2020):

[...] os cães favoritos de Adolf Hitler foram pastores-alemães. Uma raça de cachorro obediente (razão pela qual também foi usada como cão de guarda em campos de concentração) e que se assemelha ao ancestral lobo. Hitler admirava lobos. Ele gostava de ser chamado pelo apelido de “lobo” por amigos. Seus quartéis-generais na Segunda Guerra Mundial chamavam-se “Wolfsschlucht” ou “Wolfsschanze” (desfiladeiro do lobo ou fortaleza do lobo).

Como ameaçara Joseph Goebbels, ministro da propaganda nazista: “Viemos como inimigos! Como o lobo que invade o rebanho de ovelhas, assim viemos”.

Relata-se que, não raras vezes, os nazistas também utilizaram modelos históricos: os césores romanos possuíam leões; reis europeus medievais, como Ricardo Coração de Leão e Henrique, o Leão, atribuíam-se com o epíteto qualidades do “rei dos animais”: poder, força e coragem. Já os gatos, e os gatos? Ora, nesse submundo em que os animais são também divididos em criaturas “dignas” e “indignas”, os grandes felinos, como leões ou panteras, são admirados; já os gatos domésticos, segundo caricatura Will Vesper, escritor nazista, são vistos como traiçoeiros, falsos e antissociais, pois caçam os populares pássaros cantantes. Resumo da ópera: os gatos representam os “judeus entre os animais”; imaginário que, segundo vimos, remonta, à velha tradição comum na Europa medieval em que se presumia que os gatos estivessem em aliança com o demônio.

Outro quadro que corrobora esse estado de coisas é a charge que se segue:



Em tom irônico, o cartunista acima cria a personagem do “excomungato”, reportando, seguramente, aos tempos medievais, em que o bichano é, supersticiosamente, alvejado, repelido.

Outro registro data no princípio da década de 1980, em particular no Brasil, em que se assiste à escalada de outra epidemia, vulgarizada como peste gay. É assim que ficou conhecida, inicialmente, a AIDS. Esse evento, certamente, demarca uma nova epidemia do preconceito. Ou seja, a prevalência de homossexuais e pessoas usuárias de heroína injetável reforça a disseminação do prejulgamento e marginalização de grupos vulneráveis que passam a ser enquadrados como potenciais “grupos de risco”. Os pacientes apresentam pneumonia ou um tipo raro de câncer de pele e a doença é logo propalada, aos quatro ventos, como “imunodeficiência relacionada aos gays” ou Grid. Em função disso, se cria mais um estigma com forte segregacionismo desses grupos, estigma alimentado por discriminação de cunho moral-religioso. Como na Idade Média, a mídia não tardou de vender a ideia do novo surto epidêmico como expressão de um “castigo divino”, conforme essa matéria veiculada, à época:

Espectros do caos: irracionalismo, ideologia e pandemia  
SIVA, Claudinei Aparecido de Freitas da



...há batido sete vezes com  
...no coração, rezou três  
...Rachas para Nossa Se-  
...sua "parceira" — e jogou  
...escrava Anastácia. Para  
...Mendes, um parense de  
...acreditar "piamente" em  
...tudo — não tem papas  
...travista aberto feio sem  
...na dos boatos e lendas

...vez há 18 anos com a aquisição do salão,  
...de dinheiro, sexo, e como não poderia dei-  
...xar de ser, da Aids. Para ele, que revela  
...estar evitando relacionamento sexual há  
...três anos e tem medo até de beijar, não  
...fica descartada a hipótese do castigo divi-  
...no. "Bicha é a raça mais desgraçada que  
...existe". Justifica.  
...Hoje o mais badeleto cabeleireiro da capi-  
...tal, Eurico trabalhou no Rio de Janeiro

...e de volta a Belém, durante sete anos, com  
...a não menos famosa Teresinha. Entre os  
...seus "hobbies", a atividade de RP no Hilton  
...Hotel, música e plantas. Destes gente cha-  
...ta ou que se incomode com a vida alheia.  
...E na clientela não faltam nomes ilustres,  
...englobando juizes, políticos, autoridades.  
...Ideias? Bem, Eurico reconhece que não é  
...mais nenhum "babezinho" ... "Mas também  
...não sou nenhum anão!"

**Eurico Mendes,**  
um pioneiro  
parense  
nas artes  
de estética  
facial

Foto: Gireco Formigo

## Aids é castigo de Deus, porque bicha é uma raça desgraçada

**RA:** Eurico, é verdade  
reiros de Belém você é  
viciado pela sua dis-  
... que mas não é  
... se salta de beleza...

**EURICO:** Eu considero uma arte.  
... Graças a Deus me sinto orgulhoso de ter  
... tido grandes profissionais com quem tra-  
... balhei no Rio de Janeiro, como o Re-  
... nous, o Selmar, estes todos que até si

... querendo e eu procuro explicar. Eu gosto  
... de alçar o jogo.  
**DIÁRIO DO PARÁ:** Eurico, é uma arte  
... o que você faz.

**EURICO:** Claro que tem porque eu não  
... sei o que você tem na sua casa, o que vo-  
... cê fez essa noite, como você não sabe o que  
... eu fiz. Então a gente tem que se respeitar.

**DIÁRIO DO PARÁ:** Com certeza são  
... alguns poucos que estão fazendo isso em  
... Belém.

**EURICO:** Acredito que sou o pioneiro.  
... Sou o pioneiro neste trabalho, eu e o Ter-

... portador de Aids, disse que se "regene-  
... rou" de condição de homossexual e mes-  
... mo com a moléstia acabou casando. In-  
... clusive, com uma brasileira. O que você  
... acha dessa situação?

**EURICO:** Óh, não existe "re-bicha".  
... Eu acho a mulher uma complexa e também  
... que aquilo foi publicidade. Ele não deve ter  
... tido nada com ela. Só se for luto ou ma-

... Não vou te dizer que sou pobre ou sou ri-  
... co, que não sou. Sou um operário "classe  
... A". Não tenho fortuna, mas dá para comer  
... meu carter, fazer minhas boas viagens. A  
... minha cruz não é nem de maravulha,  
... nem de jacarandá. Agora é de topor.  
**DIÁRIO DO PARÁ:** Você, agora, aqui  
... no seu salão, está bem a vontade, de comi-

[Fonte: *Jornal Luta Democrática*, out/1983]

Isto posto, o que podemos refletir, através dessas imagens? Seja, no período medieval, seja, noutra tempo ainda que longínquo, elas atestam uma amostra viva de certa cosmovisão ideológica e seu respectivo irracionalismo de plantão. Seja a caça às bruxas ou a animais como no mundo medievalista, seja a um determinado grupo como o dos homossexuais e usuários de droga, a ideologia molda o imaginário desejável criando, em boa medida, os “bodes expiatórios” convenientes para as crises sanitárias! No intuito de justificá-las, se reforça todo um trabalho de marketing valendo, como expediente, a transferência e/ou inversão de responsabilidades das próprias autoridades ou porta-vozes. O discurso ideológico então se aparelha, monta o seu comitê de arbitragem, fazendo com que grupos ou classes sociais (e até agentes não humanos ou naturais) devam expiar a culpa como principais artífices do caos.

Esses exemplos só revelam sobre o quanto um evento como a pandemia pode estar inteiramente imbuído ou encoberto por ideologia, compreendendo essa não como um “amontado de ideias falsas que prejudicam a ciência, mas uma certa maneira da produção das ideias pela sociedade, ou melhor, por formas históricas determinadas das relações sociais” (Chauí, 1987, p. 31). Em tal prisma, uma ideologia só será possível “se as ideias forem tomadas como anteriores à práxis, como superiores e exteriores a ela, como um poder espiritual autônomo que comanda a ação material dos homens” (Chauí, 1987, p. 65). Nesses termos, “o que torna a ideologia possível, isto é, a suposição de que as ideias existem em si e por si mesmas desde toda a eternidade, é a separação entre trabalho material e trabalho intelectual” (1987, p. 86). Mais: é também “o fenômeno da alienação, isto é, o fato de que, no plano da experiência vivida e imediata, as condições reais de existência social dos homens não lhes apareçam como produzidas por eles” (1987, p. 86).

Ora, esse aspecto que recobre o fenômeno ideológico é muito significativo. A ideologia não pode ser pensada apenas em termos idealistas, ou seja, como uma maquinaria de ideias perversas independentes das condições materiais de existência, como se tais ideias fossem, absolutamente, anteriores ou se formassem, *a priori*, do real. Nesse contexto, “não se trata de supor que os dominantes se reúnam e decidam fazer uma ideologia, pois esta seria, então, uma pura maquinação diabólica dos poderosos. E, se assim fosse, seria muito fácil acabar com uma ideologia” (1987, p. 92). Não! “A ideologia resulta da prática social, nasce da atividade social dos homens no momento em que estes representam para si mesmos essa atividade de maneira que essa representação é sempre invertida” (1987, p. 92). A ideologia brota de “baixo” das relações materiais humanas e não de “cima” por alguma força demiúrgica ou poder absoluto.

Para, enfim, refletir melhor sobre a ideologia é preciso desenvolver o espírito crítico. Nisso, são só a filosofia, mas a ciência pode vir desempenhar um papel inabdicável. Ambas têm uma tarefa pela frente. Vejamos, então, qual é...

## 5

A ideologia opera como uma espécie de “carro-chefe” junto à opinião pública. Dessa forma, se ela vai na frente, tomando o posto, diferentemente da filosofia que vai atrás como a coruja que só levanta voo ao final do dia, não fica difícil perceber sobre o quanto esse carro-chefe lança mão de inúmeros artifícios. Ele realmente ganha os holofotes; rouba a cena. De seus alto-falantes, não faltam anúncios, e até mesmo *paparazzi* que se profissionalizam em seus respectivos nichos publicitários. Para isso, um sem-número de estratégias e dispositivos são agenciados. A publicidade não só vende produtos, mas ideias, crenças, valores, conceitos. Como reza um dito conhecido: “a propaganda é a alma do negócio” ... Esse clichê é muito elucidativo quanto aos propósitos ideológicos! Ele visa credibilidade popular. Para imprimir mais força a essa credibilidade, inúmeros são os garotos-propaganda que se prestam a tal papel que vão desde artistas, esportistas, jornalistas, juristas, e, por mais curioso que seja, alguns cientistas ideologicamente orientados, além de religiosos ou astrólogos.

O que se convencionou chamar de “indústria de *fake-news*”, impulsionadas por “milícias digitais” talvez seja uma das expressões mais retumbantes dessa escalada sem limites tendo o irracionalismo como pano de fundo; obscurantismo esse que passa a recobrir e regular a vida social. É em tal cenário, por exemplo, que o negacionismo encerra um modo peculiar de comportamento ideológico! O que leva alguém a negar a realidade nua e crua diante dos olhos? O que induz alguém a negar evidências? Trata-se de um mecanismo de defesa? Ou, quem sabe, um sentimento inconsciente? Pura ingenuidade? Uma forma sutil de transferência de culpa, eximindo-se? Uma cretina negação dos fatos mesmo frente às estatísticas de letalidade cada vez mais em ascensão no sentido de que o cenário não é tão ruim quanto parece? Afinal, o que leva alguém ouvir mais a voz de um pastor do que a de um cientista que, provavelmente, desconhece? O que motiva, inclusive, a crença num remédio contraindicado do que numa vacina cientificamente testada e comprovada? Em que medida a palavra de um charlatão tem maior peso do que a de um infectologista? Que tempos são esses? Voltamos à Idade Média?

Essas questões, só para ficarmos no âmbito do negacionismo, merece, de nossa parte, uma atenção. Elas exigem, seguramente do filósofo e do cientista, uma crítica ideológica incisiva, permanente, resistente. Embora o nosso lugar de fala, aqui, seja proeminentemente filosófico podemos e devemos, a partir desse lócus, vislumbrar um horizonte multidisciplinar de análise e reflexão. Eis porque, enquanto filósofos, temos até como dever de ofício – afinal esse é o nosso papel ou a nossa “missão na história” (Silva, 2019) – de intervir nesse debate, isto é, de compreender que a Filosofia se define, antes de tudo, como crítica da ideologia, uma crítica mais engajada (Silva, 2018b). A ideologia tem pressa; age celeremente, tempo é dinheiro; por isso é hostil ao pensamento. O mercador ideológico é aquele que visa, a todo custo, vender o seu peixe na feira das ilusões, da amnésia coletiva. Ela se vale de que não se pode perder nos negócios; que a economia é mais sagrada que a vida. E que, se houver alguma sobra, os pardais venham depois comer. Assim, tudo se passa como se, para poder viver, precisássemos da ilusão, dissimulando no outro, uma dor que, no fundo, é também subjetiva. Não suportamos viver e conviver com a dor; a empatia, quando profunda, nos arrebatava de nós mesmos; nos faz passar mal levando-nos a recusar, a negar esse mal. Melhor então ignorar a dor de outrem; o mal-estar alheio. O que salta aos olhos é que essa falta ou ausência completa de alteridade, ainda mais quando essa dor e esse outro estão distantes, é um sintoma nevrálgico do quanto nos nutrimos ideologicamente. Ou como Cazuza dá vazão em sua letra: “ideologia, eu quero uma pra viver”...

Já a filosofia é mais paciente, mais exigente. Como a coruja de Minerva, ela é mais atenta ao acontecimento, à história. Aliada à ciência, a filosofia preza o valor da precisão e da objetividade sem deixar de voltar a atenção a tudo o que acontece para, a partir daí, pôr tudo na balança e avaliar, com mais sobriedade, o que se passa no mundo vivido no qual somos lançados. A filosofia, custe o que custar, não se apressa; não julga antes de conhecer. Como a arte e a ciência, ela se comporta de maneira mais precavida; é mais prudente. Diferentemente da ideologia que sai às pressas, tomando a frente, a filosofia faz uma terraplanagem, avalia bem o terreno onde pisa, a fim de, para além de todo negacionismo frívolo, proceder ao balanço que lhe cabe. A filosofia, enfim, ao invés de nos confortar, acomodando-nos em aceitar tudo de antemão, sem esforço crítico, nos lembra sobre o quanto devemos ligar o nosso desconfiômetro, nos antenarmos mais para com o real, de não sermos tão ingênuos a ponto de acreditar em tudo, validar tudo. Ela nos ensina a agir e, portanto, em nos tornar aves de rapina! Ela forma, ao lado da ciência, o único antídoto capaz de exorcizar os espectros do caos.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, S. M. “As várias faces da ideologia”, *In*: VVAA. **Para filosofar**. São Paulo: Scipione, 1995, p. 107-130.

CHAUÍ, M. **O que é ideologia?** 25. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

EMPOLI, Giuliano da. **Os engenheiros do caos**. Tradução: Arnaldo Bloch. São Paulo: Vestígio, 2019.

GARCIA, J. N. **Propaganda: ideologia e manipulação**. São Paulo, RocketEditon, 2005.

GHIRALDELLI JR., P. “O que é ideologia?”, *In: Centro de Estudos em Filosofia Americana*, 2011, 14min41s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DvU5nN-wP0Q>

HEGEL, G. W. F. **Filosofia do direito**. 2. ed. Trad. Agemir Bavaresco *et alii*. São Paulo/Recife/São Leopoldo: Loyola/Editora UNISINOS/UNICAP, 2010.

MARX, K. **Crítica da Filosofia do Direito de Hegel**. Tradução de Rubens Enderle e Leonardo de Deus. Supervisão e notas Marcelo Backes. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2010.

SILVA, C. A. F. “Problema ou mistério? O estatuto da filosofia via Gabriel Marcel”, *In: Problemata: Revista Internacional de Filosofia*, v. 9, p. 188-205, 2018a. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/problemata/article/view/38078>  
DOI: <https://doi.org/10.7443/problemata.v9i2.38078>

\_\_\_\_\_. “A militância do concreto: Gabriel Marcel, acerca do engajamento”, *In: Revista Ética e Filosofia Política*, [Dossiê Especial: Husserl e sua herança fenomenológica], v. 1, p. 128-149, 2018b. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/eticaefilosofia/article/view/17615>  
DOI: <https://doi.org/10.34019/2448-2137.2017.17615>

\_\_\_\_\_. “Entre o ascetismo e a *Kolakeia*: Marcel e o paradoxo do filósofo no mundo atual”. *In: Trilhas Filosóficas* [Dossiê Especial: 130 anos do nascimento de Gabriel Marcel], Caicó, RN, UERN, v. 13, p. 141-157, 2019. Disponível em: <http://natal.uern.br/periodicos/index.php/RTF/article/view/431>  
DOI: <https://doi.org/10.25244/uf.v13i3.431>

\_\_\_\_\_. “A vida, *hic et nunc*: Gabriel Marcel, entornos hiperfenomenológicos”, *In: Fragmentos de Cultura*, [Dossiê Especial: Filosofia Contemporânea / Fenomenologia e Vida]; PUCGoíás, Goiânia, v. 31, 2021, p. 100-113. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/8590>  
DOI: <http://dx.doi.org/10.18224/frag.v31i1.8590>

SPRÖER, S. “Como a ideologia nazista usou e abusou de animais”, *In: DW Mader for Minds*, 13 jun/ 2020. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/como-a-ideologia-nazista-usou-e-abusou-de-animais/a-53753476>

VVAA. “Aids é o castigo de Deus”, *In: Jornal Luta Democrática*, out/1983.